

Do que (ainda) não é patrimônio: o campus da UEFS

On Which Is Not (Yet) Heritage: UEFS Campus

Pedro Vieira¹

Resumo: Muitas vezes o patrimônio está em nosso próprio campo de visão, mas não o enxergamos. O campus da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), nesta pesquisa, é tomado como um desses objetos, tão presente em nosso cotidiano, mas que (ainda) não é reconhecido como patrimônio cultural. Não se trata apenas de reconhecer suas edificações, mas elementos, materiais e imateriais, que existem em diálogo, em função ou partir desse patrimônio construído, e que colaboram para discussões diversas: culturais, éticas e científicas, e que deveriam justificar sua preservação, como referendado pelos mais recentes estudos no campo do restauro. A pesquisa busca mapear um primeiro conjunto desses elementos, nomeadamente os projetos/desenhos para a construção do Campus, para que então possam ser devidamente trabalhados, colaborando com a construção e preservação da memória da UEFS e com a preservação de seu patrimônio.

Palavras-chave: UEFS. Patrimônio. Memória. Projeto de arquitetura.

Abstract: Oftentimes the heritage is in front of us, but we do not see it. The campus of the Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), in this research, is taken as one of these objects, so present in our daily lives, but which (yet) is not recognized as cultural heritage. It is not just a matter of recognizing its buildings, but a series of elements, material and immaterial, that exist in dialogue, in function of or from this built heritage, and which contribute to diverse discussions: cultural, ethical and scientific, and which should justify their preservation, as endorsed by the most recent studies in the field of restoration. The research seeks to map a first set of these elements, namely the projects/drawings for the construction of the Campus, so that they can be properly worked on, collaborating with the construction and preservation of the memory of UEFS and the preservation of its heritage.

Keywords: UEFS. Heritage. Memory. Architectural Design.

¹ Pedro Vieira é arquiteto, mestre e doutor (FAU USP, São Paulo, SP), e Professor Visitante (PPGDCI UEFS, Feira de Santana, BA). pavsantos@uefs.br

Do cotidiano

Nas últimas décadas, assistiu-se ao alargamento daquilo que é considerado patrimônio cultural, que passa a abranger variadas manifestações culturais (em relação à tipologia e ao tempo). Ainda assim, persistem preconceitos ou, pode-se mesmo dizer que esse alargamento criou a falsa impressão de que “tudo” já estava sob a ótica da preservação, o que está longe da realidade dos fatos. Muitas vezes o patrimônio está em nosso próprio campo de visão, mas não o enxergamos. O campus da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), nesta pesquisa, é tomado como um desses objetos, tão presente em nosso cotidiano, mas que (ainda) não é reconhecido como patrimônio cultural. Não se trata apenas de reconhecer suas edificações, mas elementos, materiais e imateriais, em suas complexidades dialógicas, que existem em função ou partir desse patrimônio construído, e que colaboram para as discussões diversas: culturais, éticas e científicas, e que deveriam justificar sua preservação (KÜHL, 2006).

Não se trata de um reconhecimento oficial, institucional ou legal, nas esferas municipal, estadual ou federal, mas, antes, do reconhecimento do campus da UEFS como patrimônio pela própria comunidade universitária (na esfera municipal, Feira de Santana não possui órgão ou instrumento específico de preservação, restaria o tombamento na esfera estadual, via IPAC,² ou mesmo Federal, via IPHAN³).

Esse reconhecimento, e a preservação que enseja, pode ter razões diversas, como nos lembra Beatriz Kühl (2006) e, interpretadas para o campus da UEFS, podem ser inicialmente descritas como a seguir:

Cultural: considerando as memórias das diversas classes que compõem a vida universitária, seja dos servidores, professores e funcionários (que dizem respeito à memória de lutas que podem ser sintetizadas pela ação da ADUSF, criada em 1981⁴); seja dos alunos (que dizem respeito a um

² Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia.

³ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

⁴ Associação dos Docentes da Universidade Estadual de Feira de Santana

período de tempo determinado, claro, mas que pela sucessão das turmas ingressantes não deixa de ser também registro das lutas estudantis, por meio de seus grêmios e diretórios acadêmicos); seja de seus edifícios como manifestação da cultura arquitetônica e de pesquisas estéticas e projetuais;

Científica: pois as edificações que compõem o campus são testemunho, são fontes primárias, para o estudo de técnicas construtivas, materiais, composições arquitetônicas e, até mesmo, dizem respeito a uma concepção pedagógica que estruturou, e ainda estrutura, o funcionamento da Universidade em sua tríade de ensino, pesquisa e extensão;

Ética: pois não se tem o direito de privar as gerações futuras desses testemunhos e de seus desdobramentos, ou do suporte dessas variadas memórias.

A pesquisa busca mapear um primeiro conjunto desses elementos, para que então possam ser devidamente trabalhados, colaborando com a construção da memória da UEFS e com a preservação de seu patrimônio. Em específico, e de interesse direto para as pesquisas desenvolvidas no PPGDCI, esta pesquisa busca colocar em destaque o acervo de projetos/desenhos para o campus da UEFS existente na Uninfra/Gepro.⁵ São dezenas, talvez centenas, de folhas em cópia heliográfica que nos informam sobre técnicas de desenho, composição espacial, programa de uso, soluções técnicas e estruturais e muitas outras questões que podem ser apreendidas desses desenhos.

Assim, a própria Universidade passa a ser, sem exageros, fonte inesgotável de temas e objetos para pesquisa, a começar por seus próprios edifícios e pelos documentos a eles vinculados ou sob sua guarda (LIRA, 2015).

⁵ Unidade de Infraestrutura da UEFS, Gerência de Projetos.

Do tempo e da matéria

Em janeiro de 1970 é instituída a Fundação Universidade Feira de Santana (FUFS), responsável pela criação e manutenção da Universidade, que foi autorizada a funcionar em maio de 1976. Posteriormente, a FUFS foi extinta e a UEFS foi transformada em autarquia, em dezembro de 1980, passando à atual denominação.

Nesse primeiro momento de gestação, antes mesmo de ter seu funcionamento autorizado, são inaugurados dois conjuntos de edifícios no campus da UEFS: os módulos I, em 1974, e II, em 1976. Já em funcionamento no atual campus, os demais módulos são paulatinamente construídos e ocupados: III, em 1976; IV, em 1980; V, em 1984; VI, em 1985; VII, em 1999. Os edifícios localizados nas extremidades de cada módulo, por sua vez, são construídos entre os anos 1996 e 1998.⁶ Ou seja, tem-se um arco temporal de mais de vinte anos de construção contínua dos chamados *módulos*, sendo que os projetos iniciais datam de 1973. Assim, o patrimônio construído da UEFS alcança, hoje, quase 50 anos de existência (sem contar os edifícios da Reitoria, Biblioteca, Museu Casa do Sertão, Moradia e Restaurante Universitários, sedes de pós-graduação e laboratórios de pesquisa, entre outras tantas edificações que extrapolam o primeiro recorte da pesquisa).

O projeto de arquitetura ficou a cargo de Jader Tavares, Oton Gomes e Fernando Frank.⁷ Se são nomes pouco conhecidos no panorama da arquitetura nacional ou regional, não se pode dizer que são nomes desconhecidos, e basta lembrar que, em Feira de Santana, foram eles os responsáveis pela reforma do Museu Regional no edifício hoje ocupado pelo Museu de Arte Contemporânea.⁸ Em Salvador, o Clube Espanha, inaugurado

⁶ As referidas datas foram coletadas das placas instaladas nas entradas de cada módulo, que indicam a inauguração de cada um e registram os personagens envolvidos: da política e da administração, mas não seus arquitetos.

⁷ A autoria está registrada nas referidas folhas dos projetos sob a guarda da Uninfra/Gepro, o que realça, mais uma vez, a relevância desse acervo como fonte primária de estudo.

⁸ Informação disponível no website da Prefeitura Municipal: https://www.feiradesantana.ba.gov.br/servicos.asp?id=29&link=funtitec/museu_arte.asp acessado em 03 out 2022.

em 1975 e infelizmente demolido em 2010⁹ e a Casa do Comércio, inaugurada em 1988, é projeto desse trio de arquitetos.¹⁰ Aqui vale ressaltar a inegável relação entre projeto arquitetônico e estrutural, e em como as duas formações – a de arquitetos e engenheiros – colaboram uma com a outra. O engenheiro responsável, José Luiz Costa Souza, comenta:

A obra nasceu da forma que foi idealizada pelos arquitetos. A estrutura foi definida conjuntamente, discutindo-se as possibilidades de adaptações do projeto, dos processos executivos e do detalhamento compatível com o cálculo estrutural. Um dado interessante é que desde que foi construído, o prédio não perdeu espessura nos seus elementos de aço. Assim como precisamos ir periodicamente ao médico e fazer a manutenção de nosso corpo, com os prédios acontece o mesmo. (PING-PONG, 2016, p. 21)

Neste ponto, vale chamar atenção para a preocupação de Souza com a manutenção dessas estruturas. Questionado em relação à sua experiência com estruturas metálicas, mais uma vez o engenheiro faz menção às questões patrimoniais e de conservação, e também aos referidos arquitetos:

[comecei] Na prática profissional, em 1976, no projeto de recuperação da ponte que liga Cachoeira a São Félix. É uma ponte histórica, um patrimônio cultural, construída por D. Pedro II em 1885, toda em aço importado, experiência enriquecedora [...] Na sequência, em 1983, veio a Casa do Comércio, já destacada. Saliento ainda, nesses projetos iniciais, o pavilhão de feira do Centro de Convenções, projetado em 1995, pela mesma equipe de arquitetos Fernando Frank e Otto Gomes, o maior vão livre de treliça da América Latina, com 140 metros. (PING-PONG, 2016, p. 21)

Tem-se, assim, um emaranhado de informações que nos levam a pensar na relevância que os edifícios da UEFS possuem, bem como os projetos arquivados na Uninfra/Gepro, e que, a despeito de parecerem banais

⁹ Informação disponível no website do clube, em que ainda se lê: “Dez dos mais conceituados escritórios de arquitetura participaram de um concurso para escolha do projeto da sede. Jader Tavares, Fernando Frank e Oton Gomes foram os vencedores.” <https://clubeespanhol.com.br/historia/> acessado em 03 out 2022.

¹⁰ Talvez o trio de arquitetos não tenha a fama de seus antecessores ou contemporâneos, como Lina Bo Bardi, João Filgueiras Lima ou Diógenes Rebouças. Mas um site como o ArchDaily, de amplo acesso, lista a Casa do Comércio como um dos 25 pontos de interesse para a arquitetura na capital baiana. Cf.: <https://www.archdaily.com.br/br/927318/guia-de-arquitetura-de-salvador-25-lugares-para-conhecer-na-primeira-capital-do-brasil> acessado em 03 out 2022. Os seus trinta anos da construção, em 30 de janeiro de 2018, também receberam cobertura da imprensa televisiva, em reportagem no Jornal da Manhã da Bahia, citando os arquitetos. Cf.: <https://globoplay.globo.com/v/6459766/> acessado em 03 out 2022.

para muitas pessoas, poderiam ser reconhecidos como exemplares da arquitetura moderna e da arquitetura escolar (sugerindo assim a ampliação no que diz respeito aos períodos e programas dos edifícios de interesse cultural).

Do que preservar: restauro

De forma bastante introdutória, buscou-se mostrar a relevância que o conjunto de edifícios da UEFS possui, e o quanto testemunhos materiais vinculados a eles, como banais placas de inauguração ou folhas de projeto em cópias heliográficas, destacam-se na leitura e interpretação desse patrimônio – o que deverá ser feito em momento e espaço oportunos. Essas leituras e interpretações, se possuem caminhos diversos, não poderiam ou deveriam ignorar essas fontes materiais. Primeiro, porque são o início de um percurso de aproximação ao objeto para que futuros projetos/programas de restauro ou conservação programada sejam elaborados de forma consistente e embasada (para além da necessária aproximação direta aos edifícios existentes que, por sua vez, podem confirmar ou questionar essas fontes). Depois, porque essas fontes constituem, elas mesmas, o patrimônio da UEFS, e por si devem ser reconhecidas e preservadas. Finalmente, porque tais materiais e as leituras deles decorrentes podem subsidiar a criação não apenas de projetos de restauro em sentido restrito, prático e direto sobre o patrimônio construído, mas em sentido alargado, como já postulava Cesare Brandi desde os anos 1950 (2004): qualquer ação voltada a assegurar a conservação entra no âmbito do restauro. Como exemplo, pode-se pensar nas ações de educação patrimonial, que devem buscar esclarecer a própria comunidade da UEFS da relevância de seu patrimônio. É a partir desse reconhecimento, nas esferas individual e coletiva, que outras narrativas e outras memórias poderão ser construídas, refutadas ou enaltecidas.

REFERÊNCIAS

BRANDI, Cesare. **Teoria da restauração**. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

KÜHL, Beatriz Mugayar. História e ética na preservação de monumentos históricos. *In: Revista do CPC*, São Paulo, v. 1, n. 1, Nov. 2005/ abr. 2006, pp. 16-40. <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v0i1p16-40>

LIRA, José; DELECAVE, Jonas; PRÓSPERO, Victor; FIAMMENGHI, João Bittar. Acervos de arquitetura como espaço histórico de formação. *In: Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, n. 29, 2021, pp. 1-31. <https://doi.org/10.1590/1982-02672021v29e53>

PING-PONG. Entrevista com José Luiz Costa Souza. *In: Revista do CREA BA*. Salvador, vol. 15, n. 52, 2016, pp. 18-22. Disponível em 21 http://www.creaba.org.br/Imagens/FCKimagens/Pdf/Revista_CREA_52.pdf

WEBSITES

<https://www.archdaily.com.br>

<https://clubeespanhol.com.br>

<https://www.feiradesantana.ba.gov.br>

<https://globoplay.globo.com>